

No “Brasil de fuego” (Encontros e desencontros: Rubén Darío e Machado de Assis) Pablo Rocca

I. Entre os livros que Machado de Assis possuía, ou melhor, entre os que restaram de sua biblioteca pessoal, “o domínio espanhol, europeu e americano tem a pobreza de um albergue castelhano. Por quê?”¹ Em meio a esse grande vazio que inquieta Jean-Michel Massa, há algo extremamente enigmático: a ausência dos livros do nicaraguense Rubén Darío (1867-1916). Não tanto pelo fato em si, pois, sendo um poeta de enorme proeminência em seu tempo, dificilmente teria escapado a ele, mas porque Machado integrou a galeria de escritores contemporâneos que Darío incluiu entre seus homenageados. Intitula-se “A Machado d’Assis” — com a contração prepositiva, usual na época — uma breve composição que, embora tenha sido compilada postumamente na série que seus editores denominaram *Del chorro de la fuente* (1916), parece não ter deixado o envolvido alheio ao conhecimento da peça e ao reconhecimento entusiasta aí tributado a ele:

A MACHADO D’ASSIS

*Dulce anciano que vi, en su Brasil de fuego
y de vida y de amor, todo modestia y gracia.
Moreno que de la India tuvo su aristocracia;
aspecto mandarino, lengua de sabio griego.*

*Acepta este recuerdo de quien oyó una tarde
en tu divino Río tu palabra salubre,
dando al orgullo todos los harapos en que arde,
y a la envidia rüin lo que apenas la cubre.*

Rio de Janeiro, 1906²

- 1 MASSA, Jean-Michel. “A biblioteca de Machado de Assis”. In: JOBIM, José Luis (Ed.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks Editora, 2001, p. 30.
- 2 DARÍO, Rubén. *Poesías completas* (edición, introducción y notas de Alfonso Méndez Plancarte. Aumentada con nuevas poesías y otras adiciones por Antonio Oliver Belmás). 10ª ed. Madrid: Aguilar, 1967, p. 1.015.

O poema foi escrito no Rio de Janeiro, em setembro de 1906, por ocasião do comparecimento do poeta nicaraguense à Conferência Pan-americana realizada nessa cidade, na qualidade de secretário do ministro de seu país. A história das desavenças com seu chefe, incomodado com o protagonismo do poeta subordinado, foi relatada com vários detalhes por muitos e devotíssimos biógrafos.³ Outra história desviou da atenção desses biógrafos o contato entre Darío e a *intelligentsia* carioca. Trata-se de um dual acontecimento poético e político. Nesses dias agitados, Darío produziu o extenso poema “Salutación al águila”, que despertou iradas resistências em diferentes pontos da América Latina, pois, dando uma guinada para alguns inexplicável, predicou a reconciliação entre as duas Américas. Pouco antes, tanto em sua “Oda a Roosevelt” como na própria introdução ao livro em que se insere (*Cantos de vida y esperanza*, 1905), havia condenado a prepotência da América anglo-saxônica. O poeta espanhol Pedro Salinas, nada afeito a radicalismos políticos, comentou que, em “Salutación al águila”, com hexâmetros “frágeis e desmaiados”, Darío incensou “o ideal pan-americano”, apropriando-se do “propósito político da conferência do Rio”.⁴

Por outro lado, sobre a primeira estadia no Rio, teceram-se algumas histórias entre verossímeis, insólitas e, no fim das contas, irrelevantes, pelo menos para qualquer operação hermenêutica sobre seus poemas. O Brasil, a partir dos textos darianos, então e depois, significou um impacto para este incansável ourives do verso. “*Mi ditirambo brasileño es ditirambo/ que aprobaría tu marido*”; “*tierra de los diamantes y la dicha/ tropical*” diz na extraordinária composição “Epístola a la señora de Leopoldo Lugones”.⁵ Volta sobre a mesma idéia em outro poema, no qual imagina ou evoca, de forma cifrada, o amor da imaginada ou real Anna Margarida: “*Existe un país encantado,/ donde las horas son tan bellas,/ que el tiempo va a paso callado/ sobre diamantes, bajo estrellas*”⁶

3 Cf. GHIRALDO, Alberto. *El archivo de Rubén Darío*. Buenos Aires: Losada, 1943; TORRES, Edelberto. *La dramática vida de Rubén Darío*. 3ª ed. México: Grijalbo, 1958; OLIVER BELMÁS, Antonio. *Este otro Rubén Darío*. Barcelona: Editorial Aedos, 1960; VALLE-CASTILLO, Julio. “Cronología”. In: DARÍO, Rubén. *Poesía* (edición de Ernesto Mejía Sánchez. Prólogo de Ángel Rama). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.

4 SALINAS, Pedro. *La poesía de Rubén Darío* (Ensayo sobre el tema y los temas del poeta). 2ª ed. Buenos Aires: Losada, 1957, p. 237.

5 DARÍO, Rubén. *Poesías completas*. Op. cit., p. 747.

6 *Ibidem*, p. 847.

Segundo Edelberto de Torres, entre os contatos de amizade de então, destacaram-se Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Elísio de Carvalho. Sucederam-se as reuniões, os banquetes, os previsíveis diálogos. Mas *nenhum* biógrafo de Darío inclui como interlocutor dessas jornadas o autor de *Quincas Borba*. Por outro lado, em seu *Vida e obra de Machado de Assis*, Raimundo Magalhães Júnior recolhe o poema do nicaragüense, embora não da confiável edição de *Poesías completas*, mas sim do folheto *Algo de Rubén Darío sobre Brasil*, editado em 1960 pela Embaixada da Nicarágua.⁷ Transcreve-o com inúmeros erros — quanto à pontuação, ao uso de maiúsculas —, mas não acrescenta nada esclarecedor sobre a relação entre os dois escritores a partir do exame do arquivo de Machado de Assis.⁸ Apesar do aluvião de biografias machadianas, tão cuidadosamente sistematizadas e estudadas por Maria Helena Werneck, restam, como se vê, algumas lacunas, alguns silêncios. Contra toda aspiração totalizadora, sempre ficam.

Seja como for, os dois quartetos em versos de arte maior de “A Machado d’Assis” recuperam um solitário encontro ocorrido certa tarde, que a metáfora “Brasil de fuego” permite recriar ou imaginar, ambivalentemente, como intensa e calorenta. A primeira estrofe insiste na figura patriarcal de Machado de Assis, o da estampa de ancião sábio. Seu retrato pode ser lido sob um efeito especular: o refinado mestiço de “aspecto mandarino”, o “*Moreno que de la India tuvo su aristocracia*” devolve a Darío sua própria imagem de poeta mestiço, capaz de epitomar com suas mãos americanas a oligarquia única do espírito: “*¿Hay en mi sangre alguna gota de sangre de África, o de indio chorotega o nagrandano? Pudiera ser, a despecho de mis manos de marqués*” (“Palabras liminares”, em *Prosas profanas*, 1896).⁹ A segunda estrofe aprofunda essa imagem do *outro* em *si mesmo*, a partir de um verso-eixo no qual desenvolve um duplo processo metafórico e metonímico: “*en tu divino Rio tu palabra salubre*”. A partir dessa fórmula, expressa o deslumbramento com a cidade (o objeto) que acaba de descobrir (a experiência), ao mesmo

7 Magalhães Júnior indica, por sua vez, que o poema foi posteriormente reproduzido na *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, n. 8, 29 set. 1968. Devo o conhecimento dessas referências ao professor Hélio Guimarães.

8 MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*, 4 v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 268.

9 DARÍO, Rubén. *Poesías completas*. Op. cit., p. 546.

tempo que transfere todo o peso da força e a magia da cidade para a palavra do artista (o sujeito). Porque com sua palavra mostra a chave final do criador autêntico que, ao pronunciá-la, se afasta do que é vão (o orgulho), e no próprio ato de enunciação cabe inteira a derrota da ruindade (a inveja).

Não pode haver dúvidas de que Darío conheceu seu homenageado na capital carioca, apesar da restrição documental. O fato de que conhecesse sua literatura antes da visita ao Rio é outra possibilidade de nenhuma forma descartável. Se a recepção de sua obra, como Hélio Guimarães acaba de provar, não foi no Brasil de forma alguma menor,¹⁰ os caminhos da leitura de Machado de Assis no âmbito hispano-americano ainda não foram observados com cuidado, embora o recente e notável estudo de Gustavo Sorá nos ofereça uma plataforma inicial para a decolagem. A longa residência de Darío em Buenos Aires, onde foi colaborador permanente do jornal *La Nación*, facilitou a ele — cabe conjecturar — um contato direto ou indireto com a obra de Machado, já que esse jornal de grande circulação e de poderosa influência publicou, em sua ampla série editorial, em dois volumes, uma tradução anônima de *Esau e Jacó*, em 1905, que chegou às mãos de seu autor, enviada pelo responsável pela empresa editorial, Luis Mitre.¹¹ Este é um indício concreto, e certamente não é o único.

II. Darío voltaria à capital brasileira em 1912, somente por alguns dias, para seguir rumo a São Paulo e, mais tarde, a outras cidades sul-americanas (Buenos Aires, Montevideu), para a divulgação da revista *Mundial*, que dirigia por encomenda de seus proprietários, os irmãos uruguaios Armando e Alfredo Guido. Na nova viagem, capitaliza os vínculos de sua estadia anterior (Fontoura Xavier, Elísio de Carvalho); recebe uma homenagem na Academia Brasileira de Letras, quando José Veríssimo lhe oferece um discurso de boas-vindas. Outros se encarregarão de fazer acréscimos a sua apologia: “Os intelectuais que o acolhem têm nomes tão ilustres como João Ribeiro, Souza Bandeira, Sílvio Romero, Coelho Neto, conde Alfonso Costa, Filinto de Almeida, Mário de Almeida, Afrânio Peixoto, Silva Ramos e Augusto de Lima”.¹²

¹⁰ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis* — O romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004.

¹¹ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Op. cit., p. 268.

¹² TORRES, Edelberto. Op. cit., p. 291-2.

Machado de Assis já não estava. Muito doente, talvez não tenha tido tempo, no período entre setembro de 1906 e setembro de 1908, para retribuir o elogio que recebera do nicaraguense. Antes, nem uma só referência pode ser encontrada nas páginas do escritor carioca à obra de seu admirador.¹³ Nenhuma peça epistolar foi exumada, até onde sabemos, entre a papelada que restou de um e de outro, por mais que a de Darío esteja chegando à reta final de uma longa catalogação.¹⁴ Outros pesquisadores talvez tenham melhor sorte, mas terão que ajudá-la com a compulsão da imprensa periódica daquele setembro abrasador. Enquanto isso, o poema perdido entre o enorme magma de uma obra que mudou o rumo da lírica castelhana, em sua beleza e em sua eloquência, testemunha que Darío esteve longe de descuidar do contato com o Brasil — este território até então ignoto para os poetas hispano-americanos.

Pablo Rocca é professor de Literatura Uruguaia e Latino-americana na Universidad de la República, no Uruguai. Diretor do Programa de Documentación en Literaturas Uruguay y Latinoamericana na mesma Universidade. Tem vários livros publicados, entre eles: *Horacio Quiroga, el escritor y el mito*, 1996; *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*, dois volumes, co-dirigido com Heber Raviolo; *Poesía y política en el siglo XIX*, 2003; *El 45 (Entrevistas/Testimonios)*, 2004. Encontra-se na fase de elaboração da sua tese de doutorado (FFLCH, USP), “Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil”.

Tradução de **Gênese Andrade**, pesquisadora e doutora em Letras pela USP.

¹³ Machado de Assis, J. M. *Obra completa*. Volume III: Poesia, crônica, miscelânea e epistolário. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.

¹⁴ Sáinz de Medrano, Luis. “El Seminario-Archivo «Rubén Darío» de la Universidad Complutense de Madrid”, em *Anales de Literatura Hispanoamericana*, n. 32, 2003, p. 99-102.